

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA
INSTITUTO A VIA

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA

IONE ANTONIA PEREIRA COELHO

A HISTERIA: DA SUFOCAÇÃO DA MATRIZ A TEORIA DOS VAPORES

Artigo apresentado ao Curso de Psicanálise Clínica,
do Instituto Superior de Psicanálise A Via em
conclusão da formação teórica.

SÃO LUÍS

2021

HISTERIA: DA SUFOCAÇÃO DA MATRIZ A TEORIA DOS VAPORES

Ione Coelho¹

RESUMO - Este artigo tem como objetivo apresentar uma visão sucinta sobre a história da histeria partindo da teoria da matriz até a teoria dos vapores defendida por Martin Lange. Abordam-se as principais contribuições médicas, enfatizado a estagnação durante séculos quanto o diagnóstico e a etiologia, ou seja, diante de um sofrimento variável a única resposta recaía sobre a insatisfação do desejo feminino, contudo em meado do século XVII novas teorias são defendidas e um novo começo se desenha visando encontrar a etiologia, bem como as formas de tratamento para histeria. Percebeu-se que graças à difusão das teorias dos vapores a sufocação da matriz ganha uma nova versão, ou seja, menos enigmática e mais científica. Portanto, da matriz aos vapores a histeria ainda continua na cena do debate, mas um futuro próximo mostrará outro caminho e assim, um novo olhar sobre a histeria será redesenhado tendo a frente dois cientistas, os neurologistas Jean Martin Charcot e seu jovem aluno Sigmund Freud. Por fim, nas palavras de Freud, a psicanálise foi constituída pela e para a histeria.

PALAVRAS-CHAVE: Histeria. Tratamento. Medicina. Sintoma. Sigmund Freud.

1 INTRODUÇÃO

A histeria é vista pela psicanálise como um dos diagnósticos que compõem o campo das neuroses, tendo como característica principal a conversão somática que dá origem aos sintomas e acomete mais frequentemente as mulheres. Ocupou o centro do debate na antiguidade ao lado de outras doenças, atravessou uma fase bem longa de estagnação, até que na metade do século XVII volta a ser prioridade, tornando-se assim objeto de estudo entre médicos que buscaram compreender a etiologia na esperança de encontrar a cura.

Nesse percurso houve vários entendimentos acerca dessa “afecção”, uma vez que os diagnósticos, em sua grande maioria, estavam pautados de acordo com os contextos culturais, os valores morais, éticos, a religião e a ciência de cada época.

Nesse sentido, pode-se dizer que a histeria, os sintomas e as formas de tratamentos obtiveram diferentes interpretações no decorrer dos anos. Na história da histeria tem-se como registros mais antigos o papiro egípcio que data do ano de 1.900

¹ Graduada em Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas (Universidade Federal do Maranhão), Pós Graduação em Psicologia da Educação (Universidade Estadual do Maranhão) e matriculada no Curso de Psicanálise Clínica no Instituto Superior de Psicanálise A Via.

a.C, nele se faz referência a sufocação da matriz. Sob influência egípcia, Hipócrates abordou a sufocação da matriz, portanto, pode-se dizer que essa enfermidade está presente na humanidade há milhares de anos como se fosse uma Esfinge a ser decifrada. No século II Cláudio Galeno, médico de origem grega foi um dos primeiros a contestar a sufocação da matriz e relaciona a histeria à privação sexual. Já Soranos de Éfeso (Séculos I/II d.C.) ao lado de Galeno concorda com a ideia de que o útero não era um animal que vagava pelo corpo. De acordo com Trillat (1991), Soranos de Éfeso pode ser o primeiro a descartar a característica de animalidade a matriz (útero).

Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 338) afirmam que "as convulsões e as famosas sufocações da matriz eram consideradas a expressão de um prazer sexual e, por conseguinte, de um pecado".

Na Idade Média, a histeria que antes era objeto de estudo dos médicos, passou a seguir os protocolos da igreja, porém ainda buscava referência tanto na teoria do deslocamento da matriz quanto da ação dos vapores tóxicos de origem animal.

Assim, a Igreja de Roma levava as histéricas a julgamento e ao exorcismo e depois as condenavam com o fogo da justiça. Como as mulheres não apresentavam causas orgânicas entendia-se pelo viés da simulação, fingimento. Sobre esse assunto, Freud (1953, p. 486) ressalta que:

Na Idade Média, as neuroses desempenharam um papel significativo na história da civilização, surgiam sob a forma de epidemias, em consequência de contágio psíquico, e estavam na origem do que era fatal na história da possessão e da feitiçaria.

É somente a partir do século XVII com as revoluções científicas que a histeria volta a ser uma preocupação entre os médicos, tanto que Martin Lange cria a teoria dos vapores argumentando que os fermentos seminais liberam vapores histéricos. Nesse mesmo período, dois médicos defendem que a origem da histeria estaria no cérebro, são eles: Thomas Willis (1621-1675) e Thomas Sydenham (1624-1689).

Sydenham contribui para um novo olhar quando a histeria como uma doença mental, incluindo outras manifestações psíquicas.

Com essa nova forma de entender a origem da histeria, os médicos dividiram opiniões, assim, um grupo afirmava que a origem estava vinculada aos órgãos reprodutores femininos e outros grupos afirmavam que a origem estava no mau

funcionamento do sistema nervoso. Por outro lado, a teoria dos vapores, apesar de defender a histeria como uma doença uterina, não coadunava com as ideias de deslocamento da matriz pelo corpo.

Conforme os avanços nos estudos sobre o sistema nervoso e anatomia, a teoria dos vapores aos poucos vai sendo abandonada, ou seja, a histeria não está mais vinculada à sufocação da matriz e nem a teoria dos vapores. Todo esse embate de ideias provocará o fim da conexão entre histeria e a mulher.

2 A SUFOCAÇÃO DA MATRIZ

O termo, histeria é derivado do grego ὑστέρα, "útero" para designar uma condição psicopatológica voltada especialmente para a mulher.

ao longo dos séculos a histeria é uma problemática que tem sido reivindicada por diferentes poderes, estados e disciplinas, além de ter sido produtora de um imenso universo de conhecimento. O fato é que o padre, o filósofo e o médico [...] sentiram-se preocupados num momento ou noutro, uns e outros e todos juntos (TRILLAT, 1991, p. 13).

Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, matriz é o "lugar onde algo se gera ou cria; órgão das fêmeas dos mamíferos onde se gera o feto; útero" (1988, p. 422).

De acordo com Freud, o nome "histeria" tem como significado a palavra "útero", surgiu com os primórdios da medicina, resultado do preconceito que atrelava as neuroses ao aparelho sexual feminino (FREUD, 1996).

No antigo Egito, por volta de 1.600 a.C, no papiro Ebers, encontra-se a descrição de uma série de sintomas um tanto bizarros que acometiam as mulheres. Os médicos da época não sabiam classificar exatamente o que seria esse fenômeno. No entanto, explicavam que a causa estaria nos movimentos que o útero fazia na tentativa em buscar um local mais confortável para permanecer, isto porque se acreditava que o corpo da mulher era imperfeito, assim surge o que ficou conhecido mais tarde entre os médicos e filósofos gregos como sufocação da matriz.

Ressalta-se que essa sufocação ocorria quando o útero se alojava junto aos pulmões e traqueia e o mesmo se dava quando o útero se acomodava no coração o que causava as palpitações.

A terapêutica consistia em colocar substâncias como as ervas aromáticas dentro de um cilindro que seria introduzido na vulva/vagina com o objetivo de atrair o útero para o seu lugar. Outra forma de tratamento era inalar essências pútridas, tendo o mesmo objetivo, fazer retornar o útero para seu local de origem. Khan (1997 apud MOCARZEL; GARCIA, 2008, p. 220) aponta que “em todas as culturas, a histérica vestiu uma máscara que reflete tanto a moralidade manifesta quanto as aspirações sexuais mais escondidas do *ethos* da época. Por isso, pôde ser identificada de várias maneiras”.

Hipócrates, considerado o pai da medicina conserva a teoria do útero migratório, porém muda a expressão e passa a ser denominada de útero errante ou sufocação da matriz. Sua contribuição reside na ampliação das possíveis causas da histeria, a qual haveria uma estreita relação entre a sufocação da matriz com uma vida sexual incompleta ou dita insuficiente.

Para Hipócrates, a histeria era resultado de um “útero frustrado” que a todo o momento buscava satisfação sexual e sem essa satisfação o útero ficaria leve e por essa razão vagava pelo corpo. Os sintomas descritos consistiam em: sufocação, dores de cabeça, vômitos, ansiedade, perda da palavra, resfriamento das pernas, saliva excessiva etc. A terapêutica para essa patologia consistia em: massagear as regiões do baixo ventre, casar, engravidar, fazer sexo, ou seja, era preciso alimentar esse animal que vagava pelo corpo. A origem da histeria é descrita por Hipócrates da seguinte forma:

[...] Quando a matriz está no fígado e nos hipocôndrios e produz sufocação, o branco dos olhos revira, a mulher fica fria e mesmo, por vezes, lívida. Ela range os dentes, a saliva aflui à boca e ela se assemelha aos epiléticos. Se a matriz fica muito tempo asfixiada no fígado e nos hipocôndrios, a mulher sucumbe, asfixiada (HIPOCRATES apud TRILLAT, 1991, p. 19).

Nesse período da história, a mulher tinha um papel um tanto restrito voltado quase que exclusivamente para aos cuidados do lar e a procriação, sem levar em consideração os seus desejos e sua subjetividade. No entanto, caso essas obrigações não fossem cumpridas ficariam com os pais e recriminada pela sociedade. Esse estilo de vida talvez justifique os sintomas histéricos. De acordo com Sigmund Freud (1996), os sintomas histéricos significam a moção afetiva suprimida que é projetada para fora do corpo, através dos ataques histéricos.

Na visão da psicanálise, o sintoma é um fenômeno subjetivo que não é sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente (CHEMAMA, 1995, p. 203). Sendo assim, o que se percebe é que as imposições morais e éticas que recaiam sobre a mulher de certa forma contribuíam para o agravamento dos sintomas histéricos.

Viana (2010) comenta que, na Antiguidade, distúrbios remetidos a uma causa uterina, supostamente devido à inanição por descaso matrimonial ou crueldade do destino, fariam com que o útero se deslocasse através do corpo feminino, prejudicando o funcionamento de diversos órgãos.

Pelo exposto, esse contexto tirava da mulher o direito de viver com plenitude seus sentimentos e a coloca numa posição submissa para atender os ditames sociais.

No livro “Estudos sobre a histeria”, Freud coloca o cuidado e a atenção com outras pessoas, como uma submissão à demanda do Outro, como algo comum na vida dos pacientes antes dos sintomas histéricos.

Platão (século IV a.C) coadunava com a ideia de um “útero errante”, pois acreditava que a mulher era uma criatura bem próxima de um animal e menos divino. Justificava a movimentação do útero no corpo pela necessidade de se ter liberdade. Assim, a histeria se tornaria conhecida pela expressão pejorativa “sufocação da mãe”.

Platão, nessa mesma época, traz a ideia de que o útero teria o desejo de conceber crianças e que, portanto, os úteros de mulheres estéreis ficariam irritados, agitando-se e causando a obstrução das passagens de ar e doenças de todas as espécies (ÁVILA & TERRA, 2010; LEITE, 2012). Em relação ao útero descreve como:

uma criatura desejosa de alumbrar e, se ficava estéril por demasiado tempo depois da puberdade, começava a vagar pelo corpo, a cortar a respiração e a provocar na mulher uma extrema angústia, até que a união com o homem propiciasse o fruto desejado.... o sofrimento histérico foi reduzido a uma insatisfação sexual (TRILLAT, 1991, np).

Soranos de Éfeso (Séculos I/II d.C.), médico experiente na Roma Antiga de origem grega, entendeu que a causa principal da histeria nas mulheres estava vinculada a abstinência sexual e não a um animal que vagava pelo corpo. Assim, contribui na ampliação do termo histeria acrescentando mais dois sintomas: o delírio (alteração do pensamento e da fala) e a lembrança (recordar do que ocorreu depois da crise).

Para os médicos da antiguidade como Sorano, a diferença da crise epilética para a crise histérica estaria basicamente na recordação do evento por parte da histérica após a crise. Diferentemente das terapêuticas do Egito e da Grécia, recomendava-se descanso, lazer e banhos em águas termais.

A psicanálise antes de se firmar enquanto ciência experimentou vários métodos de tratamento para curar as histéricas tanto em termos técnicos quanto metodológicos, seria uma espécie de tratamento híbrido com várias combinações como banhos quentes, massagens e correntes elétricas.

Freud se utilizou desse hibridismo no início do tratamento das suas pacientes, assim em 1888, escreve um artigo para a Enciclopedia Villaret (*Handwörterbuch der gesamten Medizin*) a qual indica duas formas de tratamento para histeria. Primeiro, recomenda-se o afastamento da paciente do seio familiar para um espaço hospitalar, e segundo, após alguns meses de reclusão a paciente deveria ser submetida a massagens e hidroterapia, além das correntes elétricas com a finalidade de controlar as crises.

Esses tipos de terapia apenas removiam os sintomas faltando ainda por parte dos médicos encontrarem a causa desse sofrimento.

Etienne Trillat expõe com propriedade que as causas da histeria nesse período ainda têm um caráter físico-funcional, em que o útero seria gestor e o corpo o campo de apresentação da teatralidade sintomática.

Outro nome importante é Cláudio Galeno (130-200 d.C.), médico e filósofo romano, também de origem grega. Como não considerava que o útero fosse um animal que vaga pelo corpo, elabora sua própria teoria, afirmando que a causa da histeria seria a retenção da semente feminina. Para fundamentar e defender essa ideia utilizará as

teorias dos humores e a neurológica, além da física e da química. Galeno também vai pesquisar de que forma o útero se conecta com os sintomas histéricos.

Para Galeno existem três formas de histeria: na primeira, ocorre uma privação de sentimentos e movimentos o que poderá ocasionar uma pulsação fraca; na segunda, sem nenhuma explicação a pessoa perde os sentidos e desmaia, e por último, ocorre uma contorção no corpo.

Na visão de Galeno a causa da histeria não estaria vinculada a fatores sociais, culturais e ambientais, mas haveria uma predisposição para a doença. A partir dessa prerrogativa, começa-se a desenhar um novo paradigma sobre a histeria.

Diante dessa teoria, Galeno sustenta a ideia de que a falta de sexo leva a uma retenção do "esperma feminino", a substância acumulada no organismo envenenaria o corpo e, por conseguinte afetaria sobremaneira o humor. A terapêutica dependia do estado civil das pacientes; para as casadas, recomendava-se sexo diariamente e para as outras que fossem buscar um casamento o mais rápido possível.

A questão posta nesse período é de que forma o útero se ligaria ao cérebro e a cada sintoma.

Galeno tenta responder essa questão pelo viés da química e da física, quando afirma que o acúmulo da semente poderia causar uma série de sintomas histéricos e isso possivelmente levaria a histérica à morte.

Outra justificativa, segundo Galeno é a pré-disposição da pessoa a ter essa afecção. Nesse sentido, pode-se notar que o caminho para a descoberta da etiologia da histeria já está sendo traçado.

Na Idade Média, que vai de 476 a 1453, a mulher que sofria com a histeria passa a ser vista como a encarnação do demônio. Essa premissa se justifica porque o sofrimento humano era, segundo a igreja católica uma das dádivas de Deus para que o homem se redimisse de seus pecados.

"Muitas das pessoas com histeria, em séculos passados, foram lançadas em fogueira, exorcizadas ou seu estado era visto como indigno de observação clínica, devido à simulação e ao exagero" (FREUD, 1996, p. 77).

De acordo com Joffre Marcondes de Rezende (2018, p. 129):

a idade média experimentou grandes catástrofes na saúde, agravadas pela incapacidade de diagnosticar e tratá-las corretamente. Uma população perplexa e com médicos inoperantes fazia com o que a esperança de cura fosse voltada para o sobrenatural e às práticas religiosas.

A terapêutica aplicada pelo celibato consistia em rezas, exorcismos e amuletos. A histérica era torturada, perseguida e uma vez levada ao tribunal era condenada, queimada em praça pública. A esse respeito Freud esclarece que:

Para a medicina, “os pobres histéricos” não passavam de simuladores. Várias dessas pessoas foram lançadas a fogueiras ou exorcizadas, pois a histeria era tida como indigna de observações clínicas em virtude do seu quadro ser visto como um exagero. As manifestações histéricas têm preferentemente, a característica de serem exageradas: uma dor histérica é descrita pelos pacientes como extremamente dolorosa (FREUD, 1996, p. 84).

Durante pelo menos dez séculos, o misticismo e o sobrenatural passaram a reger a vida das pessoas e adoecer de histeria passava a ser uma questão de ordem religiosa. Como nos leciona Freud, as áreas anestésicas tão próprias da histeria à época, eram denominadas *sigmata Diaboli*, e consideradas prova de feitiçaria.

Com a criação das universidades por volta do XII, o clero deixa de praticar a medicina. No entanto, a igreja permanece acreditando que as histéricas eram bruxas, mas por outro lado, os médicos afirmavam que se tratava de uma doença.

os rituais de fertilidade e o conhecimento das ervas, herdados da medicina natural e que propiciavam a cura de muitos, foram proibidos, e as mulheres que insistissem no culto às deusas eram consideradas criaturas demoníacas. Os homens se consideravam os únicos no direito de exercer curas médicas através de um saber adquirido pela leitura dos livros (MOTA; BRAICK, 1997 apud MURIBECA, 2013, p.69).

Freud em seus apontamentos realiza uma série de reflexões sobre a histeria como defesa contra as exigências morais da civilização e admite que:

para ampliar a unidade cultural, a civilização produz tabus, leis e costumes para, através deles, impor restrições em nome da necessidade econômica, visto que grande parte da energia utilizada para fins culturais provém da sexualidade. Nesse sentido, a comunidade cultural começa seu trabalho repressivo nas manifestações da sexualidade infantil, pois seria impossível restringir a vida sexual do adulto, se essa repressão não tivesse seu fundamento na infância (FREIRE, 2002, p.3).

Assim, pode-se dizer que em nome da civilização, da moral e da igreja, há toda uma armação ideológica com a finalidade de manter tudo sobre controle, incluindo a sexualidade e o desejo.

Nesse momento histórico aparece a figura do médico holandês. Johann Weyer (1515 - 1588), para protestar contra a perseguição às bruxas, no entanto, no livro "Da impostura dos diabos" defende a doença mental como a causa das bruxarias. Weyer utiliza pela primeira vez o termo doença mental para se referir a histeria. Afirma que o diabo se aproveita da histeria para se manifestar, e que portanto, deve ser tratada como uma doença.

Recorre-se a Campos; Cardoso (2002, p. 5-9) quando diz que “com o passar dos anos, a histeria passou a ser explicada basicamente pela medicina, porém, por diversas vezes apresentou-se resquícios da visão religiosa”.

Mas somente a partir do renascimento é que de fato a histeria volta a ser novamente pesquisada pela medicina. Mueller (1978) esclarece que nos séculos XVI e XVII, aspectos da vida humana foram postos novamente em discussão, surgindo diversas pesquisas em diferentes áreas tais como: teologia, metafísica, física, medicina, anatomia e ocultismo. As novas descobertas científicas e as grandes navegações colaboraram para o advento de novas perspectivas.

As discussões alcançaram maior número de médicos e os investimentos na cura da histeria começam a despontar. Foi nesse período de grande efervescência cultural que o mundo passa a ser visto de outras maneiras com ênfase no racionalismo.

3 OS VASPORES HISTÉRICOS

Em meados do século XVII, a Europa começava a viver a pré-revolução industrial com as inúmeras transformações tecnológicas, desapontado a todo tempo e dentre as novas tecnologias a máquina a vapor.

Essas inovações foram acompanhadas por outras ciências, dentre elas a medicina e foi nesse cenário que o médico francês Martin Lange defendeu a ideia de que os vapores caminham pelos nervos. Esse trajeto começava no útero até chegar ao cérebro. No Tratado dos Vapores, Lange ressalta que:

os fermentos seminais liberam os vapores histéricos, mas que seus efeitos dependem da distribuição destes no organismo. Nas mulheres esses vapores são mais pesados e em situações de abstinência as sementes se acumulam, fermentam, e os vapores liberados desse processo se deslocam para o cérebro (LANGE apud TRILLAT, 1991, p. 63).

Lange apesar de afirmar que os vapores são produzidos no útero atribui aos nervos um papel fundamenta. Seria a transmissão dos vapores através dos nervos que possibilitaria a configuração polimórfica e disseminada da histeria (TRILLAT, 1991).

Ainda em seu “Tratado dos vapores”, Lange classifica em quatro tipos de fermentos que provocariam os vapores:

os fermentos voláteis, pouco diferentes dos espíritos animais, residem no cérebro; sua fermentação “pronta e violenta” libera vapores que comunicam com rapidez por todo o sistema nervoso e produzem movimentos violentos e involuntários: é a epilepsia; b) os fermentos glandulares cujos vapores determinam manifestações viscerais; c) os fermentos esplênicos que liberam vapores melancólicos; d) os fermentos seminais que liberam vapores histéricos (TRILLAT, 1991, p. 63).

Essa teoria sofreu influência de Galeno quando afirma que os vapores têm origem da fermentação das sementes sexuais. Dessa forma, percebe-se que a origem da histeria ainda tem traços que se ligam ao útero, mas que a partir de agora ligava ao cérebro. Quanto ao tratamento, recomendava-se praticar sexo e caso não fosse possível os exercícios físicos caíam bem.

Outros médicos vão dizer que os vapores circulam pela corrente sanguínea, a partir daí começam os discursões, e Willim Harvey, (1578 - 1657) médico e cientista contesta a versão sanguínea, pelo simples fato de conhecer a fundo o processo circulatório do sangue.

Um dos nomes de destaque que participa desse debate é Pierre Pomme (1735 - 1812). De acordo com Pomme, a histeria seria causada pelo endurecimento dos nervos, isto porque os vapores não conseguiriam circular pelas veias. Essa teoria ajuda no nascimento da hidroterapia, uma terapêutica que utiliza águas em temperatura acima 34° para tratar a histeria.

A hidroterapia era a terapêutica recomendada da época, mesmo não tendo o aval do Dr. Robert Whutt (1714 - 1766), médico inglês que não acredita na versão de que os vapores passam pelos nervos.

Thomas Sydenham (1624 – 1689), considerado o Hipócrates da Inglaterra vê a histeria não como uma doença em si, mas resultado de perturbações emocionais a qual imita outras doenças. Sydenham foi o primeiro médico a nomear a histeria como transtorno neuropsicológico.

Essa doença é um proteu que toma uma infinidade de formas diferentes; é um camaleão que varia sem fim suas cores... Seus sintomas não são somente em número muito grande e muito variados, eles têm também isso de particular entre todas as doenças, o fato de que eles não seguem nenhuma regra, nenhum tipo uniforme, e não são senão um ajuntamento confuso e irregular: daí resulta que é difícil fazer a história da afecção hística (SYDENHAM apud TRILLAT, 1991, p. 73).

Sydenham ressalta que diante da dificuldade de encontrar um diagnóstico para a histeria propõem estabelecer como estratégia uma investigação das circunstâncias que desencadearam a afecção.

Assim, quando as mulheres me consultam sobre alguma doença cuja natureza eu não saberia determinar pelos indícios ordinários, tenho sempre o grande cuidado de lhes perguntar se o mal de que elas se queixam não as ataca principalmente quando têm dor ou quando seu espírito está perturbado por alguma outra paixão. Se elas confessam que a coisa é assim, então eu fico plenamente seguro de que sua doença é uma afecção hística (SYDENHAM apud TRILLAT, 1991, p. 74).

Na medida em que a medicina avança, a teoria dos vapores começa a cair por terra, e novos questionamentos e pesquisas vão surgindo. A comunidade científica vai perceber que a causa da histeria não recai somente sobre a anatomia, útero, cérebro, envolve vários outros aspectos, como os culturais, os sociais etc.

Assim sendo, reconhecem-se os esforços dos médicos em encontrar as causas da histeria, no entanto, somente mais tarde surgirá no cenário o neurologista Sigmund Freud que mudará o foco da enfermidade e levará em considerações outros fatores. No livro Estudos sobre a Histeria (1893-1895) mencionou que:

juntamente com os sintomas físicos da histeria, foi possível observar uma série de distúrbios psíquicos. Tais perturbações se agrupariam em torno de alterações no decurso e na associação de representações, de inibições na atividade voluntária, de acentuação e sufocação de sentimentos (FREUD, 1994, p. 54).

Com o passar do tempo, novas concepções sobre a histeria vão surgindo, isto se deve em parte aos avanços nas pesquisas científicas, bem como nas mudanças

culturais. Nesse sentido, tanto a etiologia quanto as formas de tratamento sofrerão mudanças e serão estudadas conforme a cultura e o discurso da época.

4 CONCLUSÃO

Ao longo dos séculos, buscou-se por parte dos médicos compreenderem a etiologia e as formas de tratamento da histeria, no entanto, a cada século tornava-se um desafio para uma medicina que procurava apenas nos sintomas orgânicos a causa, não levando em consideração os aspectos psíquicos.

É importante pontuar que as teorias sobre a histeria relacionada aos desejos sexuais frustrados, de certa forma não foram descartadas, e ao contrário, nos anos seguintes houve quem a defendesse atribuindo a elas um papel fundamental.

Destacou-se nesse artigo que a todo tempo havia uma nova tese que procurava contestar a causa uterina. Contornando as questões da possessão do demônio, os médicos após a Idade média investigam de que forma o útero se ligaria ao cérebro, e assim outros aspectos começam a delinear uma nova tese, concebendo a histeria como um fenômeno sociológico, incluindo aspectos como, a interferência da natureza e estilo de vida, assim o estilo de vida.

Nesse sentido, percebeu-se nesse artigo que graças à difusão da teoria dos vapores, a sufocação da matriz ganha uma nova versão, ou seja, menos enigmática e mais científica.

Portanto, da matriz aos vapores a histeria ainda continua na cena do debate, mas um futuro próximo mostrará outro caminho e assim, um novo olhar sobre a histeria será redesenhado tendo a frente dois cientistas que mudará a forma de ver e tratar a histérica, são eles: os neurologistas Jean Martin Charcot e seu jovem aluno Sigmund Freud. Por fim, nas palavras de Freud, a psicanálise foi constituída pela e para a histeria.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, L. A. & TERRA, J. R. **Histeria e somatização**: o que mudou? Jornal Brasileiro de Psiquiatria; 2010.

CAMPOS, V.M.; CARDOSO, M. R. O demoníaco na histeria. **Pulsional revista de psicanálise**. Rio de Janeiro ano XV, n. 163, p. 5-9, nov./2002.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Lilian. A histeria e a beleza: uma expressão no contexto cultural da atualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2002, v. 22, n. 3.

FREUD, S. **Hysteria**. *Psyche*, Stuttgart, v. 7, n. 9, p. 486-500, 1953.

FREUD, S. **Histeria**. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu. 1994.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LEITE, S. **Histeria de conversão**: algumas questões sobre o corpo na psicanálise. *Tempo psicanalítico*, 2012.

MORCAZEL, Paula Land Curi; GARCIA, Ronaldo de Souza. Histeria: algumas reflexões sobre as origens e a atualidade. **Cad. Psicanál.**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n.21, p.219-231, 2008.

MUELLER, F. **História da Psicologia**: Da Antiguidade aos dias de hoje. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Da problemática sedução da histeria à enigmática sedução do feminino em Freud. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte-MG, n. 39, p. 67–80, Julho, 2013.

REZENDE, Joffre Marcondes de. **Seara de Asclépio** : uma visão diacrônica da medicina. 2. ed. – Goiânia : Editora UFG, 2018.

ROUDINESCO, E., & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TRILLAT, E. **História da Histeria**. São Paulo: Escuta, 1991.

VIANA, M. B. **Mudanças no conceito de ansiedade nos séculos XIX e XX**: da Angstneurose ao DSM-IV (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, 2010.